

O Progresso Catholico

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA

SUMMARIO

AINDA O SEMINARIO PERANTE O SECU-
LO XX, (ao alto e baixo clero) pe-
lo P.^o Senna Freitas. — SECÇÃO
RELIGIOSA: *A Conferencia de S.
Vicente de Paula em triumpho*, por
Julia Aurea Leal de Moraes Gaer-
ra. — SECÇÃO SCIENTIFICA: *A per-
versão philosophica*, III, pelo padre
Chrispim Cactano Ferreira Tavares.
— SECÇÃO HISTORICA: *O mosteiro de
Leça do Balio — O Beato Garcia
Martins*, II, pelo P.^o João Vieira
Neves Castro da Cruz; *A igreja
de S. Marcos, (do Conimbricense)*.
— SECÇÃO LITTERARIA: *Coisas*, I,
por um vimaranense; *A Cigana*,
por D. Maria del Pilar Sinues.
versão de J. de Freitas, (continua-
ção); *Carta á redacção*, pelo P.^o D.
mingos Antonio Pereira de Miranda.
— SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA: por F.
de Guimarães. — RETROSPECTO DA
QUINZENA, por J. de Freitas.

GUIMARÃES, 15 DE JULHO

Ainda o Seminario perante o seculo XX

(AO ALTO E AO BAIXO CLERO)

Vamos atermar hoje o assum-
pto que encetámos no nosso pre-
cedente numero. Deveriamos e
poderíamos facilmente dar-lhe
maior desinvolvimento, mas os
leitores de periodicos não estão
de ordinario para seguir as ques-
tões que se desfilam estredamen-
te em numerosos artigos, muito
mais de uma folha quinzenal.
Diremos contudo o que mais im-
porta ao nosso assumpto. (1)

(1) De resto, ao lançarmos mão da pen-
na para continuar o presente artigo, vi-
mos pelo *Commercio do Minho* que Mgr.
J. Rebello igualmente e até anteriormen-

te a nós se occupava dos seminarios
com a proficiencia com que elle sabe
tractar semelhantes questões. Mais um
motivo, portanto, para nos enjirmos
nas poucas linhas que n'esta folha
consagramos ao referido assumpto.

E' um facto que os semina-
rios portuguezes já hoje corres-
pondem um pouco melhor ao
fim da sua instituição, ou ao pen-
samento do Concilio Tridentino
que os estabeleceram. Longe vai
o tempo em que elles eram uma
caza de moeda de cunhar minis-
tros da religião, fosse embora o
metal de lei ou azougado.

Os nossos prelaos tem pos-
to a mão n'este ramo importan-
tissimo da sua solicitude pasto-
ral, mas não lhe consagraram
por ora toda a attenção que me-
rece, ou tem-na consagrado mais
á parte litteraria e material que
á moral; ora os seminarios
são outra cousa que bons collegios
em que ha bons professores, bons
quartos e boa meza. Se são cha-
mados seminarios não é porque
n'elles se lance a semente de fu-
turos modelos de musculatura
para uzo da estatuararia, nem uni-
camente porque n'elles se lance
a semente de futuras illustrações
ecclesiasticas, mas outrosim de
futuros padres, irreprehensíveis
no seu procedimento, e devota-
dos ao cumprimento da sua mis-
são tão ardua quanto angusta.

Alguns Bispos, se não fazem
mais, é certamente porque não
pódem. Sabem d-o á sociedade,
e praz-nos declinar o nome de
um d'esses, o por tantos titulos
respeitavel Bispo do Funchal, o
Ex.^{mo} Sr. Dr. Manoel Agosti-
nho Barreto, verdadeira incarna-

ção do ideal de um prelado, que
tudo abrange, que a tudo atten-
de na ubiquidade do seu zelo
de pastor.

Outros arreceam-se; contem-
porizam, tergiversam, não atten-
dem talvez sufficientemente á al-
ta conveniencia da educação ec-
clesiastica, ou contentam-se com
o pouco que n'esse sentido já
tem feito, por julgarem possi-
vel um seminario accommodan-
te, semi-secular, que nem espan-
te vocações, nem ourice a criti-
ca anti-clerical da opinião publi-
ca e muito menos dos bastidores
dos paços. Portanto, preferem o
systema homoeopathico ao allo-
pathico na therapeutica sacerdo-
tal. Mas cream SS. Ex.^{as}, que
por essa fórma só obterão um
clero homoeopathicamente virtu-
oso; ora, salvo erro, parecem-me
preferiveis, em materia de vir-
tude, as doses massigas, e for-
temente dosadas.

Do seminario tudo depende pa-
ra o futuro do padre e da so-
ciedade. Alli reveste elle a ar-
madura da sciencia para descer
á arena do combate e embotar
no rijo aço da instrucção con-
quistada o tallante dos sophis-
mas forjados pela sciencia ma-
terialista da epocha hodierna, ter-
rível nos seus ataques como uma
pleiade de titans que pretendes-
sem escalar o ceu dos dogmas
catholicos. Alli tactea as proba-
bilidades tranquilisadoras da sua
vocação, sopeza por muitos an-
nos o pezo tremendo do seu fu-
turo caracter, enaltece-se mais
e mais ante a sublimidade do
mandato que o espera; colhe aos
pés da Eucharistia tractada o the-
souro escondido da piedade, que

S. F.

dulcifica as asperezas e as agruras d'uma vida de padre, inicia-se nas gloriosas repressões da concupiscencia, que tão dura guerra lhe ha-de declarar no seculo, lança á terra do seu coração o germen das virtudes sacerdotaes, rega-as, feitas plantas, espeda-as, cuida-as, até crearem tronco á sombra protectora do sanctuario, e sob a utilissima direcção de um sacerdote sabio, experiente, exemplar. Alli aprende que o pulpito não é tribuna de parlamento nem cadeira de curso de litteratura, e que seria degradar a palavra sagrada da sua dignidade e desviar-a do seu fim o fazer d'ella (como por ali se vê não raramente) um ramilhete profano de flores colhidas nas imaginações brincadas de Victor-Hugos e Castellares, ou nas effluviações litterarias do romanticismo, para divertir os ouvidos de um auditorio, que se ensina a nem já procurar o templo para outro fim.

Alli se affaz a trajar o habito talar, libré honrosissima, porque é a do famulato da Igreja, porque é a insignia do nosso rompimento com o mundo, porque é o symbolo exterior do bello sacerdocio catholico, porque é o guarda da pureza clerical; mas libré de que, *proh pudor!* grande parte do nosso clero, ou por uma servil e miseravel imitação ou por um espirito mais secular que ecclesiastico, parece envergonhar-se. Bispados ha em que a batina é pura e simplesmente um roupão preto, aberto por diante, a travéz do qual, portanto, se vê á vontade a libré do leigo, o collete de terciopello, a corrente de ouro, a luxuosa calça de casimira franceza, etc.

Ora, para que os nossos seminarios proporcionem aos jovens ordinandos as preciosas vantagens acima apontadas, monta que sejam pautados pelos de França e outros paizes, onde existem em plena florescencia, aliás obter-se-hão misseiros a vapor, tum-

beiros mercenarios que saberão perfeitamente aventar onde jazem os cadaveres para lhes engrolarem officios, discursadores elegantes de salão e de *palatorio*, mas não ministros convictos e devotados que preguem, se nem sempre eloquentemente, com a palavra, sempre, ao menos, e ainda mais eloquentemente com o exemplo. Palavra sem exemplo, consoante o Padre Vieira, é tiro sem bala.

Logo é de summa urgencia, que se acabe por uma vez, como já disse no artigo precedente, com a peste do externato. Permittir aos seminaristas o externato é FRUSTRAR-LHES completamente a educação moral e religiosa, é querer e não querer padres, porque é querer fins sem meios. Aqui da barra da imprensa rogamos respeitosa e attentamente aos prelados portugueses que attentem sem mais delongas n'este ponto em tanta maneira capital da idonea formação do seu clero, e aos que já supprimiram aquelle aleijão do tyrocínio sacerdotal damos sinceros e entusiasticos emboras.

A presença effectiva de um presbytero illustrado, experiente e virtuoso, no seminario, como director espiritual, é outro ponto de palpitante conveniencia.

A elle incumbe servir de Mentor ao joven ordinando, dissipar-lhe as duvidas de que andam de ordinario colmeados os principios da vida espiritual, destrinçar-lhe as verdadeiras e as falsas luzes que surgem no seu espirito ainda pouco precatado, alentá-lo em meio dos desfallecimentos do arduo caminho, sondar-lhe a vocação, ser o Argus da sua consciencia, onde as circumvoluções são por vezes intrincadas e profundas, para, depois de maduro exame, poder dizer-lhe sem receio: «Deus o chama; ávante!»

O director está alli no seminario, alli vive e permanece, como o Vidente de Israel ás por-

tas de Ascalon, para ser o syn-dico de todas as horas, o *homo Dei* cujas decisões se tenham por descidas *ab alto*, e a bussola intelligente que deverá orientar, dia a dia, o joven levita no seu trabalhado itinerario, até ao porto do presbyterato. Será a sua palavra, intima como a de um amigo e circumspecta como a de um mestre, que n'elle assentará o amor da Igreja até ao sacrificio, que o penetrará do respeito activo da dignidade propria (ás vezes tão arrastada pelo tremedal!) e que lhe ensinará a ver no sacerdocio um perpetuo Calvario, embora circundado das irradiações do Thabor.

O Director é o homem indispensavel do Seminario. Elle é, sem duvida, a responsabilidade do futuro do levita, mas tambem a corôa de todas as suas glorias porvindouras.

Contudo, em quantos seminarios se encontra de portas a dentro esse homem?

Teem-n'o SS. Ex.^{as} por um empregado inutil e até pezado no orçamento annual dos seus seminarios? Será desnecessario alli o que é mais ou menos necessario em todas as condições da vida christã? Ou haverá uma epocha mais critica, e que mais careça de assisado piloto do que aquella em que um mancebo se inicia na mais augusta de todas as dignidades e se prepara para hombrear o pezo da mais tremenda das responsabilidades? Pois se o não ha, dignem-se os excellentissimos prelados abrir no mappa do pessoal directivo e docente d'aquellas casas um logar distincto para o director espiritual.

Não seria agora fóra de monção tractar igualmente da conveniencia dos retiros annuaes, depois de ferias; das conferencias mensaes feitas pelo director, da communhão frequente, da exacta observancia do regulamento (far-se-hia elle para ser letra morta?), das sahidas pela

cidade, fóra das condições normaes em estabelecimentos de educação ecclesiastica; do habito talar, cujo uzo devêra impor-se mesmo durante as ferias, ou pelo menos, que não fosse senão algum distinctivo da classe que o seminarista pretende abraçar, para alleiçoal-o a um habito de que elle não pode cõrçar sem indignidade, nem trocar pelo secular sem frisar a preferencia pela libré do mundo, etc. Aonde nos levaria o desenvolvimento de tantos assumptos referentes ao melhoramento religioso dos seminarios? Apontemol-os sequer. Não nos pejamós de ter já consagrado dois artigos de fundo a esta questão, nem das minudencias em que entrámos. Applaudir-nos-hiamos se fossemos parte para que os nossos viveiros de educação ainda bastante deficientes sob o aspecto moral e religioso, soffressem a reforma que o seu estado demanda em altos brados. Para este fim, consintam SS. Ex.^{as} lhes lembremos humildemente o munirem-se dos regulamentos dos melhores seminarios de França, particularmente do de S. Sulpicio.

Estamos cada vez mais persuadido de que do Seminario tudo pende para a prosperidade moral do nosso paiz, e de que se se não melhorar aquelle, *inutil é reclamar a moralisação do clero, deplorar os seus escandalos, empregar medidas coercitivas para os impedir.*

Portugal desce rapidamente ao fundo da descrença, e do sensualismo, porque lhe falta, em parte, a nossa mão poderosa para sustar-lhe a queda total. O que é, pergunto, que tão languida torna esta mão, que outr'ora foi a alavanca dos nossos heroismos na historia dos povos europeus? O indifferentismo? o egoismo? o arrefecimento do zelo sacerdotal? o contagio deleterio do espirito secular da actualidade, não neutralizado por uma forte cor-

rente de adequada educação ecclesiastica? Um pouco talvez de tudo isto... Não o sabemos...

O que sabemos á farta é que, com um povo da tempera do portuguez, bons seminarios teriam evitado o doloroso spectaculo de completa indifferença religiosa que estamos presenciando, *sem poder conjural-o.* Por isso empunhamos a penna de voluntario na milicia da imprensa catholica; cumprimos o mandato da nossa consciencia, clamamos aos Ex.^{mas} Snrs. Bispos que convidem para este ponto os olhares da sua solicitude, e os primeiros afans do seu zelo intemerato de pastores, fornecendo aos candidatos do sacerdocio escholares, não só de sciencia, senão tambem de tyrocínio ecclesiastico, como quem sabe perfeitamente que a sciencia sem a virtude faz o indifferente e o apostata; é sol, mas não calor, e só o calor vivifica.

O dia em que os Prelados altearem os seminarios ao nivel em que a propria natureza da sua instituição e as imperiosas necessidades da epocha o exigem, esse dia será a data d'uma nova era, auspiciosa de mais ridente futuro para a nossa patria.

P.º SENNA FREITAS.

SECÇÃO RELIGIOSA

Apraz-nos publicar o seguinte artigo, que firma o nome d'uma senhora, a quem do coração agradecemos não só a firmeza e o denodo com que expende tão generosas ideias, mas muito especialmente o vir com o seu nome, e com os seus escriptos, honrar as paginas do *Progresso Catholico*—bandeira a cuja sombra quizemos ver agrupadas todas as pessoas que, como sua excellencia, se declaram francamente defensores das verdades catholicas.

A Conferencia de S. Vicente de Paulo em triumpho

Pela leitura d'uma carta que vinha no *Primeiro d: Janeiro*, escripta pelo snr. Fulano (um corifen da irrelição), cheguei a formar juizo de que (não sei se me atreva a dizel-o) os pontos da Religião e da caridade christã são os que o snr. Fulano trata com menos instrucção e superioridade; e elle mesmo manifesta claramente que a não entende.

Não é cousa estranha.

Os homens são limitados. Não podem saber tudo, e é natural que saibam menos o do que se descuidam mais.

Quando os engenhos elevados fallam, ou escrevem em assumptos, em que são intelligentes tanto em prosa, como em verso, encantam, arrebatam, admiram, e é necessario reconhecê-los como prodigios de ellequencia, de talento, e de gosto. Porem quando se mettem a fallar de Religião, o christão menos instruido os acha mui superficiaes: e por isso eu, como christã, não receio responder ás especiosas objecções do corifeu da irrelição; não só para fazer justiça aos meritos do Snr. P.º Senna Freitas, mas tambem porque a devo fazer á verdade.

Prova-se pela carta do snr. Fulano, do dia 24 do proximo preterito mez de maio, a paixão encarnizada, o odio injusto, de que para perseguir a Religião e seus ministros, abuzando da pouca instrucção da maior parte dos seus leitores, se serve, bem como d'outros, dos meios os mais indignos de um coração honrado; pois altera os factos, falfifica os textos, e mente até com a mesma verdade.

O snr. Fulano não entende a caridade christã como a entende o snr. Padre Senna Freitas, e para poder julgar com imparcialidade era indispensavel, que fosse mandado para a escola, a fim de poder impugnar com mais acerto a caridade christã, porque está demonstrado, que os seus sarcasmos quando, não sejam de má fé, nascem da falta de instrucção.

Só um espirito satânico, ou uma pessoa de razão pervertida é que podia levantar sophismas contra a associação do S. Vicente de Paulo, tão geralmente reeebida; mas o snr. P.º Senna Freitas (esse candidato e novo apostolo) que pela sua virtude e santidade persuade o simples, que pela sua elevação admira e submete o docil; tambem não teme o exame do critico, antea, pelo contrario, deseja que este a examine, a indague, e esquadrinhe, seguro de que n'ella achará evidentes provas da sua Divina

genealogia. A Religião lhe mostrará quão indesculpavel é aquelle que teve a desgraça de achar na sua soberba razão e dificuldades que o desviavam para longo d'esta associação; não se propoz estudal-a; se a estudasse, facilmente teria podido desenganar-se, e sair do seu erro.

O que é fóra de toda a duvida, e que me atrevo a assegurar com firmeza, é que não ha homem de juizo medianamente recto, que pondo-se a examinar do boa fé e com animo sincero a caridade christã, não veja com tanta claridade como a, da luz do dia, que ella traz do Ceo a sua origem.

Mas quem ignora que a intelligencia humana, se a deixam tomar vôo, é variavel nas suas idéas, de modo que recebo e acolloho todos os erros da imaginação?

Cada cousa tem a marca, e o signal especifico da sua esfera. E os raciocinios do snr. Fulano não merecem o determo-nos com elles, porque mais aptos são para provarem os seus limites, do que a extenção do espirito humano; pois com os mesmos esforços que faz para desacreditar a associação de S. Vicente de Paulo, mais demonstra a sua triste insufficiencia.

Sinto muito a aversão que o snr. Fulano tem, aos jesuitas. Vejo que o snr. Fulano pretende ser o mestre, o amigo do genero humano, a tocha do seculo! Infeliz! Pobre do mundo so elle, e outros como elle, podessem lograr o fructo de seus damnados empenhos.

Parece incrível que d'essa nobre e distincta terra, outr'ora corte de reis catholicos, d'onde tiveram origem diferentes santos, e que foi berço dos Damazos, que em toda a sua plenitude doram realce á Santa Igreja, criando conventos de frades e freiras, parece incrível que um filho d'essa terra esteja ridicularisando os ecclesiasticos chamando-lhes roupetas, dizendo que vão missionar para a Africa; pois deve notar que se proclama mais de missões n'este paiz do que na Africa, o que se pode ver da estatística dos crimes. Só se o snr. F. intende por civilização e adiantamento o haver muita casa de jogo, theatros, desmoralisação, contractos fraudulentos etc...; sendo assim retiro o que deixo dito, e digo juntamente com o snr. F. que os missionarios devem ir prégar para a Africa.

Couto d'Ervededo
20 de junho de 1880.

Julia Aurea Leal de Moraes Guerra.

SECÇÃO SCIENTIFICA

A perversão philosophica

III

Já mostramos que Krause, cujo *sistema philosophico* o L. P. de Coimbra sente não ver vulgarisado entre nós, é ontologista e pantheista.

«A negação pantheista, diz o immortal Padre Felix, é a grande corrupção das intelligencias no seculo XIX. Não ha talvez hoje entre tantos erros, que correm, um só que seja mais necessario e mais urgente matar nas intelligencias, a queremos pôr um dique á perturbação moral, religiosa e social, consequencia do pantheismo.»

Nos cremos com o Padre Felix que o pantheismo é effectivamente a grande corrupção das intelligencias na epocha presente e que é mi-ster matar este erro monstro, que é defendido por Krause com uma perfidia, que espanta.

Depois de termos patenteado a impiedade, hypocrisia, perfidia e malvadez do Krause que divinisa as creaturas e nega o verdadeiro Deus, Creador d'ellas, e que ousa até invocar a auctoridade dos Santos Padres para enganar seus leitores, procurando fazer-lhes erer que a sua doutrina está em harmonia com a d'elles, mostraremos qual é a moral que professa e ensina.

A moral de Krause é tal qual se pode esperar de um pantheista.

A philosophia de Krause está viciada em sua parte mais vital, que é a metaphysica e é impossivel que uma metaphysica viciada se harmonise com uma moral pura.

A ordem moral suppõe necessariamente um fim e uma serie de obras executadas livremente para alcançal-o; suppõe um Deus que do nada creou o mundo e o homem, sendo inteiramente distincto das creaturas que produziu, suppõe mais que elle Deus revelou no tempo á creatura racional, ora por meio da luz da razão, ora por meio da revelação seu destino n'esta vida e na futura.

Qual será porém o destino do homem segundo Krause? Se a felicidade do homem na vida futura, segundo a doutrina catholica, é a visão beatifica de Deus, e por tanto a posse de todos os bens, como poderá o homem ser feliz em um systema que confunde Deus com o mundo, e só conhece o bem temporal que se está fazendo e mudando a cada instante nos seres finitos? O mundo será pois, segundo o impio systema de Krause, a fonte da felicidade humana, fonte escassa e

turva, felicidade temporal e mudavel, incapaz de saciar o coração humano sedento da verdadeira. Não ha pois, n'esta doutrina felicidade perfeita nem outra bemaventurança que a que consiste em desenvolver cada cousa sua essencia, em effectuar seu bem, passando de um estado a outro, de uma determinação a outra sem nunca chegar a ser perfeitamente feliz.

E qual será o destino do homem na vida presente? Segundo a doutrina catholica a vida presente deve ser uma preparação para a vida futura. O homem deve procurar conhecer e cumprir seus deveres para conseguir seu ultimo fim, que é a eterna bemaventurança. Mas ah! diz Lara, desde que se attribue ao homem, como o faz Krause, a mesma essencia de Deus, o dever carece de razão: pois que é o dever senão a necessidade moral de conformar-se a creatura racional com a ordem eterna de bondade e de justiça representada eternamente na intelligencia divina e decretada pela vontade d'Aquelle que fez todas as cousas e estendo seu poder e soberania sobre todo o universo como senhor e dominador universal, a quem unicamente pertence por direito proprio impôr-lhes leis dignas de sua sabedoria e amor? O pantheismo suprime esta relação de dependencia erigindo o homem em Deus, e declarando-o autônomo ou legislador de si mesmo, que é romper o vinculo de suas obrigações e soltar as redes a todos os seus appetites, reputando-os santos, divinos, como impulsos que movem e determinam sua adoravel essencia a desenvolver-se livremente no tempo. Que hediondez! A moral de Krause não só suprime o vicio e justifica as paixões, á maneira de Cabanis e d'Holbach, mas desce até á vileza de divinisa-las e adoral-as!

Por ultimo é parte integrante da ordem moral a idéa da sancção divina, dos premios e penas estabelecidas pela Sabedoria do Supremo Legislador para os que guardam ou quebrantam Sua Lei. Nada ha mais conforme com os attributos que confessamos e admiramos em Deus, singularmente com Sua Sabedoria, com Sua Justiça e Santidade, que a sancção dos divinos preceitos; e nada ha tambem mais accomodado á nossa fraqueza que a consideração do premio que ha-de coroar a virtude e a da triste sorte do malvado na outra vida: porém até que ponto respeitou Krause este divino caracter da ordem moral? Ouçamol-o:

«A lei da moralidade ou regra dos costumes pode formular-se assim: *Sê livre causa do bem como tal bem, ou em outros termos: Quer e executa q*

bem, porque é bom, isto é, porque o que tu queres e realizas é uma parte da essencia de Deus (que horrenda doutrina!) que se manifesta no tempo, da divindade que realiza sua vida no tempo. D'onde se infere, que na lei moral, como na lei universal não deve attendêr-se sob nenhum respeito a cousa alguma inferior ou exterior ao bem uno, mesmo, todo, nem ao prazer nem á dor, nem ao premio nem ao castigo, senão que a moralidade consiste inteiramente, unicamente e puramente na divindade da vida em e para si mesma. Segue-se tambem que o destino da humanidade é aqui na terra: pois justamente o modelar aqui o agora o puramente divino formado de toda a força social, não por prazer, não por premio, não por desejo de felicidade alguma d'esta vida nem da outra, senão puramente por amor de Deus (1), por amor da Divina Essencia, a qual tambem aqui sobre a terra é determinada a effectuar-se em um chegar a ser divino »

Eis aqui supprimida a sanção da ordem moral. A virtude apoquentada pelos trabalhos da vida presente, não pode aqui consolar-se pondo os olhos no ceu, porque o ceu não existe n'esta moral impia: todo o destino da humanidade se consumma na terra! E digo da humanidade, porque é mais angustioso ainda o destino particular de cada homem, simples manifestação temporal que apparece na scena da vida e apparece como relampago sem deixar após de si o mais ligeiro vestigio, nem levar além d'esta vida, não digo as boas obras que acompanham o justo na doutrina catholica, porem nem sequer a consciencia de seu ser pessoal, dissolvido no pó do sepulchro. O vicio, pelo contrario, está aqui seguro; suas flores não tem espinhos; nada é capaz de perturbal-o lançando uma só gota de fel no copo de seus infames deleites; porque o remoreo é como um mensageiro que envia ao coração do culpado a divina justiça, annunciando-lhe o castigo; e é evidente, que se o destino humano se consummasse na terra, como diz Krause, esse annuncio doloroso seria vão, careceria de razão para ferir a alma. Adeus pois esperanza, adeus justiça e santidade divina, adeus enfim ordem reparadora da vida futura, onde, segundo a doutrina catholica, que é realmente a verdadeira doutrina, ha corôas de inmarcessivel gloria para a virtude occulta ou perseguida, para a innocencia attribulada, para os sacrificios em que immola o justo nas aras da moral divina a concupiscencia e o orgulho, e onde ha pelo contrario perpetuo choro e ranger de dentes para

o criminoso, que desprezou os clamores da consciencia e morreu na impenitencia.

É signal de orgulho insensato dizer, como diz Krause, que o homem ha-de fazer o bem pelo bem mesmo, sem attendêr ao galardão que promette a quem o faz a justiça divina: orgulho proprio do racionalismo philosophico, desprezador soberbo das sanções divinas, o qual presume loucamente offerecer ao homem motivos puramente racionais e desinteressados, e o que faz é roubar-lhe a esperanza fundada nas boas obras, tirar-lhe o temor de Deus, principio de sabedoria, e quebradas estas duas ancoras de salvação, sepultal-o no abysmo da depravação e do vicio.

Que amor é esto que Krause nos manda ter a seu Deus, ser puramente ideal, idolo fabricado pela mente do sophista allemão? Se é certo, como o é, que o amor recebe sua especie e seu valor do objecto amado, não será razão dizer que o que Krause estabelece por fundamento da virtude, é não menos ideal e chimerico que o ser a que se refere? Porem restamo todavia fazer n'esto ponto uma reflexão que illumine o fundo da moral pantheistica de Krause. Seu Deus, como ser distincto do mundo, não é mais que uma pura ideia, parissimo nada; pelo contrario todas as cousas finitas e contingentes são divinas n'este systema, todas ellas tem o ser, a essencia e natureza do absoluto, singularmente o homem onde o absoluto se manifesta principalmente e adquire a consciencia de si mesmo. D'onde se infere que o amor de Deus não differe n'esta doutrina do que se tem o homem a si mesmo, que não é por certo o amor ordenado com que desejamos nosso verdadeiro bem, senão um amor desordenado e egoista, que se termina no eu, que Krause tem por Deus a quem, segundo a doutrina d'elle, é mister adorar. Eis a chave para julgar rectamente do amor desinteressado de Deus no systema de Krause: é pura egolatria; é o egoismo deificado; é o polo opposto ao espirito de sacrificio que gera na alma o amor do verdadeiro Deus. E é claro que elevado o eu humano á categoria do divino, todas as manifestações de sua essencia, serão tambem boas, divinamente boas e adoraveis, todas, até os vicios mais odiosos e repugnantes; em todas estas cousas, segundo Krause, se realiza a essencia divina, em todas se effectua o bem e se alcança o fim da vida. Agora se entenderá bem a lei da moralidade no systema impio de Krause; que nós chamamos a lei do mais torpe, do mais infame e sacrilego egoismo:

«Quer e executa o bem porque é bom, isto é, porque o que tu queres e realizas é uma parte da essencia de Deus que se manifesta no tempo, da divindade que realiza sua vida no tempo.»

Krause invoca aqui o nome santo de Deus para auctorisar a malicia verdadeiramente satanica de sua moral impia; porém na realidade suas palavras capciosas podem traduzir-se por estas outras: «Quer e fazê todas as cousas a que to sintas movido, ainda as mais odiosas e grosseiras; porque o que tu queres e realizas, incluindo todos os crimes imaginaveis, uma parte da essencia de Deus que se manifesta no tempo, da divindade que realiza sua vida no tempo; portanto tua vida é uma face da vida divina, face na qual resplandece a formosura do bem e da mesma santidade de Deus, formosura immaculada, não escurcida pelo peccado nem pelo vicio que não realmente cousas santas e divinas, a que devem erigir-se altares ao menos no coração, e offerecer os sacrificios, pois são parte da essencia adoravel e da vida santa e immaculada do Deus.»

Eis o que é a moral de Krause: um passo mais e a demonolatria, contida implicitamente n'esta moral verdadeiramente satanica, apparece em sua horivel desnudez.»

E é esta doutrina que o L. P. de Coimbra deseja vêr vulgarizada entre nós!

P.º Chrispim Caetano Ferreira Tavares

SECÇÃO HISTÓRICA

O Mosteiro de Leça do Balio

O Beato Garcia Martins

II

O balio de Leça, D. Fr. Luiz Alves de Tavora, que fez grandes obras na egreja e casa do Leça, foi um varão benemerito da religião e da patria.

Foi elle que em 1577 mudou da Ribeira para a rua das Aldas (hoje largo do Collegio, no Porto) o collegio da Companhia de Jesus, dando para esse fim doze contos de réis. Por esse motivo é chamado o fundador da Companhia no Porto. Está sepultado na capella-mór da egreja do collegio, que pela extincção dos Jesuitas, passou aos frades grillos, e hoje está alli estabelecido o seminario diocesano.

A antiga invocação do mosteiro do Leça, bem como da egreja, era o Salvador, como consta do documentos do seculo XI.

Não se sabe com certeza quando foi mudada esta invocação: é provavel que fosse na construcção do novo templo, em 1336. O balio, que então era D. Fr. Estevão Vasques Pimentel, substituiu o titulo do Salvador pelo de Nossa Senhora da Incarnação.

No anno de 1642 ainda existia no altar-mór a imagem da mesma Senhora, que foi então mudada para a sanchristia, sendo substituída por um retabulo a oleo, de Nossa Senhora da Assumpção.

E', pois, actualmento o orago da egreja de Leça do Balio Nossa Senhora da Assumpção.

A casa de Leça que, como já dissemos, é antiquissima, datando dos principios do seculo X. foi reformada e ampliada por D. Sancho I, em 1212.

No mosteiro foram hospedados D. Affonso Henriques e sua mulher, a rainha D. Mafalda; o condestavel D. Nuno Alvares Pereira; a infanta D. Philippa, neta de D. João I, e outras pessoas de alta hierarchia.

Não temos documento algum que nos atteste a vinda a Leça do conde D. Henrique e de sua consorte, a rainha D. Thereza; mas ha razões para crer que aqui vieram, residiram e se demoraram algum tempo aquellas illustres personagens.

E' certo que esteve em Leça D. Sancho I, fazendo ao convento graças e doações, e varias obras como fica dito.

Tambem aqui veiu a rainha Santa Mafalda, e consta que fizera obras. Mais adiante fallaremos d'esta rainha. Foi aqui que D. Fernando I contrahiu matrimonio com D. Leonor Telles de Menezes, em 1369.

Alguns auctores affirmam que este acontecimento se realisou na egreja de Leça de Palmeira, a verdade é que foi no mosteiro de Leça do Balio, como temos dito.

Por todos estes motivos é notavel a casa de Leça, e tambem o é por ser a primeira que a Ordem de Malta teve em Portugal, por ser a cabeça da Ordem, por n'ella se celebrarem alguns capitulos provinciaes, e finalmente pelos illustres varões que d'aqui foram commendadores ou baliios.

Na egreja ha muitas antiguidades, de grande merecimento historico e archeologico: mas a principal é uma antiquissima pia baptismal, que causa a admiração de quantos a vdem. E' de pedra d'Ançã, e oitavada.

Foi mandada fazer pelo balio D. Fr. João Coelho, pelos annos de 1512, e entre os seus labores primorosos avultam as armas dos Coelhos.

Ha trinta annos, pouco mais ou

menos, um inglez, visitando a egreja de Leça do Balio, dava por esta riquissima peça uma pia de pedra ordinaria, uma concha de patra e quarenta e oito mil reis. Mas o parcho e a junta de parochia resolveram não vendel-a por preço algum.

Na capella-mór estão os seguintes tumulos de pedra:

Da parte da Epistola, debaixo de um arco, vê-se o sepulcho do balio D. Fr. Lopo Pereira de Lima; e junto d'elle o do balio D. Fr. Diogo de Mello Pereira, irmão do antecedente.

Da parte do Evangelho está o mausuleu, mettido debaixo d'um arco, que contém os restos de D. Fr. Christovão de Cernache, balio de Leça e grão chanceller da Ordem de Malta.

A capella de Nossa Senhora do Rosario, vulgarmente chamada *Capella do Ferro* (pelo motivo que mais adiante veremos), contem varios tumulos e sepulturas.

A' direita do altar, e debaixo d'um arco, está o tumulo do balio D. Fr. João Coelho, grão-prior do Crato e chanceller-mór de Rhodes.

Sobre o mausoleu está a estatua, de pedra, do dito balio.

No pavimento da capella jaz em sepultura raza o balio D. Fr. Estevão Vasques Pimentel, fundador da egreja actual, fallecido em 14 de maio de 1336.

Este inclito varão, além de ser prior da Ordem de Malta o balio de Leça, teve as commendas da Certã, Crato, Rio-Meão e Faia. Foi grande privado d'el-roi D. Diniz e de seu filho D. Affonso IV, e por varias vezes embaixador de Portugal á Santa Sé Apostolica.

D. Fr. Estevão era filho de D. Vasco Martins Pimentel, meirinho-mór de Portugal, grande valido d'el-rei D. Affonso III, descendente de mui nobre e antiga prosapia.

Este benemerito balio, foi casado com uma nobre senhora, sobrenomada Pires Delvas. Depois de viuvo entrou na Ordem do Hospital, aonde correu uma brilhante carreira.

As commendas, que a mesma Ordem lhe deu, provam os seus relevantes serviços. Fez varias viagens só com o fim da gloria de Deus e bem do proximo.

Foi elle que instituiu dous capellães ou beneficiados que rezassem as horas e cantassem as missas na capella do Ferro, em Leça do Balio; e para morada d'estes e de dous criados mandou fazer casas.

Este legado da capella do Ferro foi depois muito augmentado por um tal Fr. Affonso Freire de Matta.

Assim na egreja de Leça celebravam-se os officios divinos quasi com

tanto apparato como em qualquer collegiada.

Tudo isto acabou em 1834. Desde então deixaram de cumprir-se os logados, ficando as rendas pelas mãos dos caixeiros, sem interesse do Estado, nem do culto divino ou honra de Deus, como diz um escriptor.

O mesmo balio enriqueceu a capella do Ferro e a egreja de Leça com varios paramentos ricos e com uma caixinha de prata, cheia de muitas reliquias.

Cheio de annos, de virtudes e de serviços feitos á sua ordem, á religião e á sociedade, falleceu o veneravel D. Fr. Estevão a 14 de maio de 1336, como já dissemos.

D'este preclarissimo cavalleiro tratam, como de veneravel servo de Deus, muitos auctores portuguezes, entre outros, Jorge Cardoso no seu *Agiologio Lusitano*, ainda que a seu respeito traz algumas inexactidões.

Resta-nos fallar do beato D. Fr. Garcia Martins, cujo tumulo existe na egreja de Leça. E' a cousa mais notavel d'este magestoso templo.

Será objecto do artigo seguinte.

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

(Do «Conimbricense»)

Tem-se fallado na imprensa catholica do paiz do estado a que foram reduzidas a maior parte das egrejas de Coimbra, depois que as *luzes do progresso* se espalharam por todo o Portugal, e por isso transcrevemos do nosso collega de Coimbra a seguinte noticia, que bem pôdo servir de magnifico documento para a historia patria, quando se escrever sem paixão:

«A EGREJA DE S. MARCOS

Abaixo publicamos um communicado, relativo á restauração que muito louvavelmente trata de fazer na magnifica egreja do antigo convento de S. Marcos, da ordem da S. Jeronymo, o snr. Manoel Cabral de Moura Coutinho e Vilhena, de S. Silvestre, d'este concelho de Coimbra.

Era para sentir que permanecesse em tal abandono uma egreja, que sendo um primor de architectura, e contendo magnificos altares, tem sido vandalicamente devastada.

Já ha dias sabiamos da briosa deliberação do snr. Cabral, pois que nos havia dito o habilissimo pintor o snr. D. Luiz Vermell, que tinha sido convidado por aquelle cavalleiro para ir trabalhar na restauração da referida egreja.

E' por isso com muita satisfação que registamos este facto.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Quem diria que depois de tantos ataques dados contra a egreja do convento de S. Marcos, ella havia de cair em poder de um homem, que não só a livrasse de ser arrazada, como tantas outras, mas a reedificasse na parte que sacrilegamente foi devastada pelo vandalismo?!

Já lá principiam as obras por conta de seu dono o exm.º snr. Cabral, de S. Silvestre, e não se fará demorar muito que os admiradores do bom, vejam em adoração aquelle bonito templo, collocado no sitio mais pittoresco que ha perto da linda cidade de Coimbra, sitio este em outros tempos tão frequentado.

Alli encontra-se natureza e arte, porque, na frente da egreja que escapou ao camartello e incendiarios, ha um grande largo em fórma de parallelogrammo, cautelosamente nivelado; ao cimo d'esto da parte do nascente ergue-se a magestosa e bem construida egreja, que se exteriormente attrahe, interiormente encanta pela sua architectura e esculptura. Tem dentro objectos executados em pedra, que são um primor d'arte; analyse-se o altar mór e alguns dos tumulos.

Na frente da egreja, ao fundo de todo o largo, para o poente, ergue-se no meio de magestosos carvalheiros e freixos plantados semetricamente, um formoso cruzeiro de pedra, obra rarissima pelo seu tamanho.

Não me occupo da quinta com sua matta, fontes e passeios. Direi que é sem duvida uma das obras mais meritorias que o exm.º snr. Cabral podia emprehender, porque era pena vêr reduzido a um montão de ruínas um templo d'aquella ordem, e n'um local de que tão facilmente podem gozar as pessoas de bom gosto.

Eu como outros muitos confiamos em que o exm.º Cabral se prestará da melhor vontade a deixar visitar aquelle sitio; e por isso aquelles que lhe pedirem licença contem que serão benovelamente acolhidos.

E' na verdade para admirar, que na actualidade appareça um homem que queira, á sua custa, salvar uma egreja pondo-a de novo á veneração dos fisis, quando para isso tem de gastar muito dinheiro, e quando n'aquelle sitio para qualquer individuo do diversos sentimentos seria muito necessaria para uma *adega*, *fabrica*, *officina* ou *cavalharia*, sorte de muitas outras que fazem a ver-

gonha de todos quantos tem contribuido para as reduzir a tal condição.

Por hoje basta.

L.º

SECÇÃO LITTERARIA

COISAS

I

Mal pensavamos ao commemorar em o n.º de 29 de fevereiro d'esta Revista algumas das virtudes do nosso querido patricio o Revd.º P.º Victorino José de Sousa Almeida, que quasi exactamente um mez depois (a 31 de março) seria elle chamado ao tribunal divino! Tivemos conhecimento da triste noticia por varias cartas particulares e pelos necrologios (um portuguez e outro inglez), publicados no *Catholic Register* de Hong-Kong de 3 de abril.

Os nossos periodicos dando conta do passamento de tão benemerito ecclesiastico, limitam-se em geral a dizer que foi botanico e poeta estimado. Por certo que foi uma e outra coisa; mas o que vale mais, é ter sido um ecclesiastico zelosissimo nos 49 annos com alguns mezes que viveu em Malaca e na China e a caridade inexgotavel de que era dotado, acudindo não só á pobreza de sua familia, mas a outras muitas necessidades, ignorando quasi sempre a esquerda o que fazia a direita.

Tambem não disseram que foi membro da Congregação da Missão—*Lazarista* ou antes *Rilhafolista*, como antigamente eram chamados os benemeritos filhos de S. Vicente de Paulo em o nosso reino e suas colonias.

Outra coisa que nem os periodicos nem alguém poderia dizer em Portugal, a não ser quem garatuja estas linhas, é ter sido o Rev.º P.º Almeida o verdadeiro auctor das engraçadissimas cartas, publicadas por quasi dous annos sob o pseudonimo «*Cacatua*» no *Echo do Povo*, semanario portuguez de Hong-Kong, onde se fustigaram com severidade merecida os crueis traficantes de carne humana,—os *chuchaeiros*—, que tanto desacreditaram com suas immoralidades e crimes horrosos a nossa bella colonia da China.

Cacatua tornava-os fulos de raiva e mais cautelosos. Queriam vingar-se; mas nunca lhe descobriram o pouso.

Cacatua descobria-lhes todas as falcatruas e abominaveis segredos, expondo-os de 8 em 8 dias á indignação publica.

Os saltos mortaes dos muros dos

barracões (1), os tormentos das *casas de cozer* (2), as fracturas de pernas e de braços, os assassinatos, roubos, innumeraes suicidios, tanto em terra como a bordo dos navios, tudo elle fulminava em dialogos chistosissimos, empregando muitas vezes o dialecto de Macau, e até recorrendo á poesia e a enigmas transparentes, que faziam andar em roda viva os criminosos e os seus cumplices altamente collocados.

Felizmente não foram de todo inuteis os seus esforços em pro da Religião, da patria e da humanidade. O *chuchai-mo* ainda durou mais alguns annos, mas por ultimo desapareceu de Macau. Embora concorressem outras causas, não se póde negar ás cartas de *Cacatua* e aos continuos esforços do *Echo do Povo* uma boa parte no merito de fazer cessar esse flagello da humanidade e do bom nome portuguez.

O Rev.º P.º Almeida era uma sentinella vigilante em pontos de doutrina, seguindo sempre a mais orthodoxa. Foi homem de instrucção não vulgar, patriota decidido, poeta, orador, jornalista, amigo dedicado, ameno, caridoso, n'uma palavra, um padre catholico que fazia honra a Portugal.

Requiescat in pace

As obras do angeligo Doutor S. Thomaz de Aquino, graças á recommendação auctorisadissima do Santo Padre Leão XIII, vão tendo cada vez mais voga. O trabalho precioso do P.º Gualandi S. J. sobre a obra mais notavel de S. Thomaz (*Summa Theologica Sancti Thomae Doctoris Angelici uno schemate per ordinem questionum exhibita, cura et studio P. Aloisii Gualandi S. J. — Romae — Ex Typogr. Polyglota S. C. Propag. Fide*), tambem deve ser bem manuscada e conhecida, sobre tudo dosde que o actual Summo Pontifice se dignou approval-a e aceitar a dedicacão da mesma.

A *Civiltà Cattolica* escreve a tal respeito:

«O grande e intelligente trabalho do

(1) Casas oficialmente reconhecidas como habitação temporaria dos *chuchaeiros* (palavra chinesa que significa a letra *porcos pequenos*—leitões), chamados por anti-phraze emigrantes livres, muito bem guardados pelos *chuchaeiros*.

(2) Outras casas do mesmo genero, mas onde os *chuchaeiros* eram mais livres para exercerem suas crueldades, por isso mesmo que não eram reconhecidas (sendo aliás bem conhecidas) pelo governo, que ordinariamente fechava os olhos...

auctor (P.º Gualandi) será certamente muito util aos jovens estudantes e aos homens doutos. Uns e outros terão um facil meio de fixar, os primeiros o que vão estudando e os segundos o que profundamente estudaram. Aconselhamos especialmente aos seminarios que obtenham este quadro, de modo que possa verificar-se o que o douto Cardeal Parocchi, agradecendo com effusão ao auctor, esperava d'esta preciosa obra. isto é, a facilitação e propagação do estudo do S. Thomaz, ancora de salvação no hodierno naufragio da sciencia.»

Fazemos ardentes votos porque assim succeda. Em Portugal precisa-se não menos que n'outras partes um estudo serio da Theologia escolastica. A obra citada do jesuita romano auxilia-o admiravelmente.

Appareceram ultimamente em Lisboa nada menos do quatro periodicos socialistas, tendo todos elles por fim, assim como os outros da mesma luita que já se publicavam, e os chamados republicanos, e até certos incolores, porverter os operarios, apressando assim a «revolução pacifica das ideas», dizem os mais hypócritas ou simplórios.

Ora, a dita evolução, a verificar-se, segundo elles desejam, hade ser profundamente sanguinolenta... horrível. E' preciso estar quasi completamente privado *del ben del intelletto* o da faculdade de raciocinar para o não pro- ver. E' um dos casos em que sem ser propheta nem filho de propheta se póde prophetisar.

Pois bem, a «revolução» virá, se se não trabalha para lhe impedir o ad- vento; e o trabalho principal é mis- ter que se faça no campo das ideas; que as más sejam combatidas e leva- das de vencida pelas boas, as pseudo- racionalistas pelas verdadeiramente racionaes ou proprias de racional, as sophisticas pelas logicas, as ideas im- pias finalmente pelas ideas religiosas, pelas ideas salvadoras da piedade e do santo temor de Deus: *Initium sapientie timor Domini*.

O que fazem para isso os catholicos — elles que devem ser os verdadei- ros conservadores do tudo o que é san- to e justo n'esta sociedade que tonda para o esphacelamento e para a rui- na? — Que periodicos oppoem elles — periodicos de combate e *vendicteis* pe- las ruas nas capitais a preço infimo — ás dezenas de periodicos socialistas, isto é *nihilistas*, pois que este segun- do titulo é o que melhor lhes cabe?

Até agora, nada, nada,... pela pa- lavra NADA!!

Appareceu ultimamente o programma

de um jornal catholico nas condições acima indicadas — *A cruz do operario*. A empresa tem á sua frente um catholico pratico, e não só theoretico; ho- mem de pulso e de coração; mas pre- cisa ser auxiliada. Os que quizerem assignar, serão considerados como so- cios protectores da «Associação Ca- tholica do operario.» A assignatura do semanario catholico e anti-nihilis- ta, no formato da *Orlem* de Coim- bra, será do 1\$000 réis por anno.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a «J. A. A. Donozo de Men- donça, rua dos Ferreiros a Santa Ca- tharina n.º 18 - 1.º - Lisboa»

Veremos se os catholicos permit- tem que ainda esta tentativa fique frus- trada! — *Absit!*

Vejam como os impios e os anar- chistas caminham na exploração da imprensa!

Que sempre sejam *prudenciores fi- liis lucis!* — *Absit!*, outra vez *Absit!*

Avante pois e viva a *Cruz do ope- rario*, que se for auxiliada segundo mereço será distribuida abundantemen- te e quasi gratuitamente, com espe- cialidade nas ruas de Lisboa onde mais se carece da sua propaganda e salu- tar influencia.

Nas provincias talvez ainda não se saiba que as festanças de Camões, e em particular as conferencias publicas nos theatros e salões de Lisboa, estão servindo para a propaganda do atheis- mo e do nihilismo com uma cynica desfaçatez que parece ter *algo* de dia- bolicas. Affirmam-nos que tem sido ne- gados os dogmas catholicos, blasphemado N. S. Jesus Christo, arrasta- dos pela lama os padres, exaltada e proclamada a communa sob o nome de «confederação republicana da Pe- ninsula», phrase vesga, mas transpar- ente do nihilismo — iberico, afagado por muitos espiritos enfermos de ho- mens enganados ou enganadores.

E estes homens são professores de cursos pagos pelo Estado, isto é pelo povo, empregados publicos, etc., etc!

Mais uma razão para se dever au- xiliar a imprensa catholica e para se mostrar a urgente necessidade da *Cruz do operario* em Lisboa!

A quantos não temos ouvido aqui na capital por estes dias longos e maus: «Que falta não faz o *Bem Publico!*»

Pois bem, o valente atleta Sousa Monteiro não quererá e não poderá ainda de vez em quando mover a pen- na, que era aparada, que era burfil em sua mão? Com toda a confiança o esperamos. E a raça dos seus dis- cipulos não se acabou. De um d'el- les residente em Paris, sabemos com certeza que hade auxiliar com valio-

sas correspondencias o orgão dos ope- rarios catholicos de Portugal.

(Continua.)

UM VIMARANENSE.

A GIGARRA

1011

D. MARIA DEL PILAR SINUES

Versão livre

DE

J. DE FREITAS

(Continuado do n.º antecedente)

Mas tudo foi em vão! A joven não soltou uma palavra!

A marquezia tirou alguns doces do seu sacco de viagem, e offereceu-os a sua filha, que os recusou, afastando-os com a mão ao mesmo tempo que di- zia:

— Não gosto.

— E nem ao menos os queres pro- var, minha filha!

— Não.

— Porque?

— Porque nunca vi essa comida até hoje.

Então foram as faces da marquezia sulcadas por algumas lagrimas, porque se lembrou de quantas privações ha- via passado sua filha!

— Que comias quando estavas com os ciganos? — perguntou, mais para distrahir a melancolia da filha, que pa- ra saber.

— Comia pão negro, e algum boca- do de queijo.

— E nada mais?

— Nada mais; jamais me lembro co- mer outra cousa.

— E todos os ciganos comiam o mes- mo que tu?

— Não; comiam carne assada, se a tinham, e quando a não tinham, co- miam frutas. Mas eu morro aqui, — procegiu Edmunda, ao mesmo tempo que suas faces se cobriam de uma pa- lidez mortal — falta-me o ar, falta-me luz!

Quereis ir ao jardim!

— Sim, vou ao jardim! Ahi ao me- nos julgar-me-hei em meio d'esses cam- pos onde costumava adormecer em noites de calor... vou ao jardim.

E correndo, voando como uma exha- lação, sahio do perfumado e sumptuo- so gabinete, cruzou o corredor e des- ceu ao jardim, sem que seus pés to- cassem apenas nas escadas de pedra, que para elle davam descida.

Ali, e como por instincto, procurou o sitio mais afastado e sombrio: era um caramanchão tapotado de verde rel-

va e coberto por todos os lados de trepadeiras d'um verde escuro, por entre o qual não se divisava a mais humilde florinha.

E' que o sol jámais penetrava n'aquelle recanto humido e afastado, razão porque a vegetação era triste, porque só ali cresciam plantas que não são beijadas pelos raios creadores do astro rei.

Ainda que alguns bancos de pedra ali havia, Edmunda desprezara-os e sentira-se sobre a relva, pousando nos joelhos as mãos abertas entre as quaes escondeu o lindo rosto.

E assim esteve muito tempo!

Depois alçou um pouco a cabeça e por suas faces tostadas deslisaram grossas lagrimas, que a desgraçada menina não cuidava de enxugar.

E assim se conservou! A final, apoiando os cotovellos nos joelhos e o rosto entre as mãos, entoou uma canção triste que ella a pobre creança, com seu talento surpreendente, havia composto.

O seu cantar era melodiosa, mas repleto de lagrimas, por assim dizer, ainda que d'uma doçura encantadora.

Escutemol-a. (1)

—A la sombra de um sauce
tive mi cuna
y sustentó mi cuerpo
la tierra dura.
Pero mi lecho
de flores esmaltado
era muy bello!

Cuando la blanca aurora
vertiendo perlas,
com su llanto inundaba
mi cabellera.

Me levantaba
y me lavaba el rostro
com agua clara.

Aun brillava la hoguera
allá en el vallo
que encendiera la mano
de la Violante.

Y sus canciones
me enseñavam alegres
los ruiseñoes.

¿Donde estás, murmurante,
risueña fuente,
em que mi alegre rostro
vi tantas veces?

¿Donde el lucero
cuya luz reflejaban
mis ojos negros?

(1) O desejo de não tirar, com a traducção, todo o mimo que este canto encerra, ou a nossa incompetencia para traduzir versos, (como o leitor quizer) leva-nos a dal-os no original.

Ali el viento soltaba
mi cabellera
y ya tejié alegre
mis largas trenzas!
Ali riendo
mi vida se pasaba...
y aqui me moero!

XII

Findára o cantar de Edmunda, e os ultimos acentos prolongavam se ainda, repetidos nos ceos do arvoredo. Mas como era triste presenciar o pranto que, trasbordando de aquelle coração juvenil, banhava, como uma inundação de lagrimas, as faces moreno-pallidas da desditosa cigana! E como na canção que ha pouco soltára de seus labios ella patenteava eloquentemente o estado da sua alma!

Uns passos e um mover de folhas brandamente, interromperam os passarinhos que, entre a verde fronde das arvores, cantavam alegres e descuidados; porém a tristeza da solitaria cantora, mais profunda que a alegria dos seus alados companheiros, não deixou que ella reparasse em alguém que se aproximava.

Era Julia, caminhando por entre os arbutos, e rogando por elles as graciosas pregas de seus vestidos, que se encaminhava para o sitio onde Edmunda se achava submersa em amarga pena.

Entrando no caramanchão Julia sentou-se junto de Edmunda e contemplou-a muda algum tempo.

A cigana voltou a cabeça e olhou-a com desdem, quasi com horror, perguntando-lhe depois com dureza:

—Que me queres?

—Quero consolar-te, pobre Valeria— respondeu a amavel menina, tomando entre as suas as mãos de sua companheira.

—E foi só para isso que aqui vies-te?

—Sim, só para isso!

—Pois podes retirar-te; não careço de ti!

—Que te fiz eu, Valeria, para que assim estejas tão zangada comigo?

—Para que me dás esse nome, que era outr'ora teu?

—Porque achei já o meu verdadeiro nome.

—Ah! e deixas-me esse por ser peor?

—Não, querida minha; é por que o teu é Valeria, e o teu mãe me fez chamar pelo teu nome, foi como uma recordação tua, e como acaba de te encontrar, devolve't'o.

—Eu chamo-me Edmunda, Edmunda a Cigana, entendes? não quero ser outra cousa.

—Então não te julgas ditosa em haver encontrado tua mãe?

—Bem mais ditosa me julgava correndo por esses campos em companhia da Violante e dos ciganos.

—Mas tua mãe é boa como uma santa; e eu, que ha seis annos a considerava como minha mãe, posso afirmar-te que serás feliz a seu lado.

A estas palavras Valeria nada contestou. Julia continuou:

—Sabes rezar?

—Sei, sei rezar á Virgem.

—É a Deus?

—Quem é Deus?

—Não o saber?

—Não.

—E' um Senhor infinitamente bom, que nos ama, que vela por nós, e que do céo nos está vendo.

Valeria encolheu os hombros, e disse:

—No ceo não habita mais que a Virgem; sua cara é a lua, como me dizia a Violante.

—Ella dizia-te isso?

—Dizia E que era a rainha d'esse grande palacio azul que está por sobre nossas cabeças.

—N'isso te dizia a verdade, porque meus paes, e depois tua mamã, tambem me repetiam isso muitas vezes; e eu mesma o tenho lido nos meus livros.

Diz-me, sabes ler?

—Não!

—Ah, minha pobre Valeria! quão desgraçada tens sido até hoje!—exclamou Julia, abraçando Valeria ternamente—não saber ler, nem saber quem é Deus! Queres que te explique quem é Deus?

—Não tenho vontade de o saber.

—Mas olha, eu não te encommodearei muito. Escuta: Deus é o filho da Virgem Santissima, um filho que baixou do céo á terra para morrer por nós!

—Mataram-o?

—Sim!

—E como?

—Com a mais cruel de todas as mortes. Olha, queres ver como morreu?

E tirando do seio um pequeno crucifixo de ouro, que trazia pendente de um cordãozinho de seda, mostou-o a Valeria.

—Que é isto?—perguntou a cigana, com as faces já sem lagrimas, graças ao benefico influxo das palavras de Julia.

(Continúa.)

Carta á Redacção

Snr. Redactor do «Progresso Catholico»

Quando diariamente deparamos as columnas dos jornacs de diversos matizes da nossa boa terra portugueza repletas de

descripções sobre recepções aos benemeritos da patria, não é muito que eu, na qualidade de assignante do *sympathico* e mui auctorizado *Progresso Catholico*, leve ao conhecimento de V. a recepção que a freguezia de S. Sebastião de Boliqueime, diocese do Algarve, fez no titm.º Exm.º e Revm.º Snr. Dr. José Sebastião Neto, Bispo d'Angola e Congo, no dia 28 de maio proximo passado, quando Sua Ex.ª aqui veio administrar o santo sacramento da Confirmação; podendo V. usar d'ella como bem lhe aprouver.

Por espaço de dez annos o presbytero José Sebastião Neto (actualmente meu digno bispo de Angola e Congo) serviu a parochia de S. Sebastião de Boliqueime, como coadjutor.

Encarecer como se houve no desempenho das funcções do seu sagrado ministerio; dizer que as virtudes da humildade e caridade lhe eram habituaes, e que tomou tanto a peito a salvação das almas que os costumes religiosos d'esta freguezia muito e muito melhoraram, occuparia alguns numeros do seu jornal.

Contentemo-nos citar estes factos. Em poucas freguezias da diocese do Algarve se observa tanto respeito no templo e se frequentam os sacramentos como n'esta.

Os parochianos d'esta freguezia desejando dar um bem publico e solenne testimonho de gratidão, respeito e estima áquelle que fôra seu coadjutor, resolveram fazer-lhe uma recepção honrosa.

A distancia de cinco kilometros da sede da parochia, cerca de cem dos principaes lavradores acompanhados do Revd.º Coadjutor esperavam o illustre prelado de Angola.

Logo que se avistou o trem que conduzia Sua Ex.ª subiam ao ar algumas duzias de foguetes, descobrindo-se todos e ajoelhando. Sua Ex.ª ao chegar ao local da recepção mandou parar o trem; d'elle desceu, dando o annel a beijar e benção a todos. Depois subiu ao trem e proseguiu a jornada acompanhado dos tres que de Faro o seguiam, do coadjutor e dos lavradores, que a cavallo formavam um cortejo na verdade bem digno do illustre prelado.

Mas d'uma vez teve Sua Ex.ª de mandar parar o trem que o conduzia para evitar alguma desgraça; pois o povo que o esperava na estrada para o ver, beijar-lhe o annel, receber a sua benção e saudalo era muito.

No sitio denominado a Fonte, mil e duzentos metros da sede da parochia, apeouse Sua Ex.ª e a pé proseguiu a jornada mettido n'uma nuvem de povo.

Na povoação de Boliqueime é que a recepção se tornou imponente!

As ruas estavam juncadas de flores; as devotas da freguezia seguravam duas a duas, e a proporcionada distancia, arcos, em numero de quarenta, por debaixo dos quaes o illustre prelado havia de passar, enfeitados com gosto e boa vontade que lhes assistia; os sinos repicavam; duzias de foguetes reboavam no espaço; o povo abarrotava as ruas; de joelhos e descoberto fixava attento seus olhares no principe da Igreja, derramando lagrimas de muito amor e verdadeira alegria, por tornar a vel-o, quando menos o esperava, no fim de quasi cinco annos.

A' entrada do adro da igreja esperava-o seu antigo companheiro e amigo, o Revd.º parochio da freguezia e os parochos das freguezias de Loulé, Paderne, Pera, Budens e a confraria do SS. Sacramento, que o introduziram na igreja.

Oh! quanto não sentiria aquella boa alma ao entrar as portas d'aquelle templo onde em tantos annos administrou os sacramentos; ao fitar os olhos na Imagem do Immaculado Coração de Maria, adquirida por sua iniciativa; ao ver tão perto os seus dedicados amigos, que faziam parte da sua familia!...

Feita a oração, subiu ao pulpito a instruir os confirmandos acerca da necessidade e utilidade do sacramento do Chrisma, das disposições para bem o receber, e seus effeitos—o que fez n'um discurso, proprio de Sua Ex.ª e altura do auditorio.

Depois passou a administrar o sacramento até ás seis horas da tarde; proseguindo no dia vinte e nove, chrismando pouco no dia trinta, visto celebrar-se a festa ao Santissimo Sacramento, que Sua Ex.ª abrihantou com a sua assistencia, levando a Custodia debaixo do pallio, acolytado dos parochos da freguezia e da de Paderne.

No dia trinta e um chrisinou até ás tres da tarde, terminando este dia com a festa do encerramento do Mez de Maria, a que tambem Sua Ex.ª assistiu com o clero da freguezia, o corpo docente e audiente do seminario de S. José de Faro, que de proposito veio a esta freguezia para acompanhar o illustre prelado até á dita cidade.

No fim da festividade Sua Ex.ª agradeceu a toda a freguezia a honrosa recepção que lhe fez, despedindo-se depois.

Foram estas as suas ultimas palavras: «Adeus! adeus! adeus!», ouvidas a custo, pois o pranto embargava-lhe a voz. O povo parecia delirar: moços e velhos, entregues á sua dôr, o que faziam era chorar.

Muito tempo se demorou o illustre prelado na igreja; pois o povo não o deixava; já para beijar-lhe o annel, já para receber a sua benção e beijar-lhe as mãos. Eu, que acompanhava a Sua Ex.ª quando se dirigia a casa do reverendo parochio para particularmente fazer as suas despedidas, tive de o furtar ás vistas do povo, que para toda a parte o seguia.

Partiu, enfim, deixando inconsolavel esse povo, que ardentemente pede a Deus que lhe alongue a vida, fazendo-lhe a mercê de o tornar a ver.

Calcula-se em oito mil o numero das pessoas que concorreram a esta freguezia para ver o illustre prelado, cujas virtudes por toda a parte se apregoavam; sendo quatro mil o dos confirmados.

Quando outros factos não tivessemos para provar a influencia do clero catholico na sociedade, este seria de muita força.

Emudeçam, pois, perante manifestações tão sinceras e espontaneas consagradas á virtude, os inimigos da Igreja, destructores da religião do Calvario, vindo aprender aqui a bem merecer da patria e de Deus.

Que o Espirito Santo desça sobre nós e encha os corações dos fieis é o que anheia quem subscreve estas linhas.

Boliqueime 10 de julho
de 1880.

P.º Domingos Antonio Pereira de Miranda.

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

A Biblia Popular Illustrada

Já foram distribuidos os primeiros fasciculos d'esta obra importante, de que já nos occupamos quando recebemos o programma. Confirmar o que então disseramos, e acrescentar que a empreza satisfizes aquillo a que se compromettera, é quanto hoje podemos dizer.

As gravuras, em pagina inteira, são magnificas, a impressão é excellente, optimo o papel, e por isso bem digna se torna a empreza do favor publico.

Historia Popular dos Papas

POR J. CHANTREL

Está em distribuição o fasciculo 4.º da segunda assignatura aberta em abril do corrente anno, para esta notavel publicação.

Comprende este fascículo, nas 160 paginas que o compõem, as seguintes epochas ou periodos, em que o sabio historiador dividiu esta obra monumental: — *Sylvestre II e o seculo de ferro.* — *S. Gregorio VII e a independencia da Egreja.* — *Os Papas e as cruzadas.*

Ainda se recebem assignaturas em fasciculos ou volumes para os poucos exemplares que restão d'esta edição.

F. DE GUIMARÃES

RETROSPECTO DA QUINZENA

Os jornaes portuguezes, todos ao serviço da Revolução, (exceptuamos apenas meia duzia d'elles se tanto) limitaram-se a reproduzir uns telegrammas, que noticiavam os acontecimentos realisados em França no dia 29 de junho. Nem uma palavra tiveram com que stigmatizar aquelle attentado contra a liberdade! Depois continuaram a reprozir o que os *collegas* francezes disseram acerca da expulsão, e mais nada.

O *Commercio de Portugal*, esse, que não está com pannos quentes, e que não é (louvemos-lhe isso) hypocrita como os de mais, trepou acima da tribuna da imprensa, e julgando-se já acobertado por fortes barricadas, defendidas pelo canalhismo, assim fallou:

«Queriem ser livres, (os jesuitas) para fazerem preces contra os homens da liberdade, para collocarem os seus bispos e os seus padres na praça publica, mendigando votos para o Deus do Vaticano, esse Deus corrupto e vil, que perante a historia, hade assumir um dia a tremenda responsabilidade das vergonhas dos crimes de 1871.»

Como o atheismo arrasta este collega de Lisboa, e o obriga a dizer cousas que, se fossem ditas n'um paiz governado por gente bem educada, ao menos, seriam motivo bastante para o encarcerar por utilidade publica! E era uma necessidade. Este collega, a julgar pela ferina malvadez que revela em suas palavras, quer-nos parecer que será o primeiro que carregue com um barril de petroleo para incendiar Lisboa.

Proveinos o que deixamos dito com o seguinte bocadinho que tiramos de suas columnas:

«A França n'este momento proclamando a amnistia, chamando a si todos quantos a amam muito, a França appellando para o concurso leal de todos os seus filhos, está certa, que os que amanhã entrarão em Paris para

saudar a grande França gloriosa e immortal, que demolio a bastilha e depoz Luiz XVI, não esquecerão os seus deveres de homens livres, nem aviltarão os seus direitos de cidadãos. Entram os que a amam e saem os que a sacrificavam! Bem haja a França!»

Vejamos agora pelos jornaes estrangeiros como se effetuou o cumprimento da lei contra os jesuitas e as scenas que por essa occasião tiveram lugar.

O prefeito de policia, acompanhado de varios agentes, trajava do grande uniforme, e para mostrar que ia assistir a uma grande festa, escondia as mãos em finas luvas cor *griz-perle*.

Deputados e senadores, que haviam ficado em casa dos padres jesuitas durante a noite foram surprehendidos ali pelo prefeito.

Apesar de se haver dado ordem para que a canalha viesse para as ruas fazer manifestações hostis contra os jesuitas, a multidão que soltava gritos de—*vivam os jesuitas*—era immensa.

O revd.^o padre Piot protestou contra a violencia, e quando se hiam sealar as portas da capella pediu que deixassem em antes passar para outra o Santissimo Sacramento, ao que o commissario respondeu, que não fazia se não cumprir as ordens.

A's quatro horas voltaram de novo os commissarios de policia ordenando que evacuassem a casa. Quando entraram encontraram-se com o barão Ravnigam, senador e presidente do Conselho de Administração da sociedade civil, á qual pertence a casa, declarando que estava resolvido a defender os seus direitos; que protestava contra a violencia, e que as portas se não abririam senão á força.

O padre Piot declarou então que nem elle nem seus irmãos sahiriam de seus domicilios, porque ninguém d'ali os podia tirar a não ser pela força.

A' vista d'esta declaração os commissarios fizeram vir alguns cerralheiros e arrombaram a porta. O sr. Ravnigam protestou de novo, declarando que se reservava para levar aos tribunaes os seus direitos contra os que deram as ordens e contra os que as executavam. A este protesto assistiram como testemunhas varios senadores, deputados, advogados, procuradores, etc.

Entrando, os agentes de policia foram colhendo os jesuitas um a um, não sem que alguns chorassem ao cumprir tão estúpida ordem, e assim os pozoram na rua.

A expulsão do padre Fluss, velho de 82 annos, superior que foi das missões do Nueva-York e Guyana,

deu lugar a uma scena altamente commovedora. Negando-se a abrir a porta da cela, que foi arrombada, e offerecendo-lhe o sr. Ravnigam e o sr. Kerdrel o braço para sahir, respondeu—*Não, não sahirei d'aqui se não á força.* Os agentes entraram e prenderam-o.

—Como trataes a um pobre velho—disse o padre Superior—e alem de velho inferno pelos cuidados que prodigalisou aos presidiados? E cahindo aos pés do venerando ancião, o que foi imitado por todos os que alli estavam, lhe pediu a benção.

O padre Lefebvre, que durante a Communa não sahiu de casa, bradou aos agentes de policia: —*fazeis mais do que fizeram os communistas.*

A rua em frente á casa era coberta de povo, e as carruagem das grandes familias de Paris estendiam se aos lados.

Na capella do interior estavam o duque e a duqueza de Madrid, o duque de Alençon e a princeza Branca de Orleans, alem de outras pessoas de alta representação.

Desde as trez horas que chegavam a cada momento grupos compactos de mancebos, que haviam sido discipulos dos padres jesuitas, de homens de todas as classes e de senhoras.

Os redactores da *Justice* e da *Lanterne*, ambos inimigos dos jesuitas quizeram entrar na casa, mas foram detidos pela multidão.

O padre Brisebeaux, que acabava de chegar de Chamark, querendo entrar é detido pelo policia. O povo ao vel-o cae de julhos e pede-lhe a benção, repetindo o mesmo quando appareceram outros padres, gritando—*vivam os jesuitas*

Já na rua o padre Forbos dirige-se ao prefeito de policia e diz-lhe: —Sou subito inglez, protesto contra este acto, e quero ser conduzido á embaixada de Inglaterra.

O prefeito irado, com as faces vermelhas pela colera, teve de o mandar entrar n'uma carruagem e fel-o conduzir á embaixada ingleza, em meio dos applausos e das aclamações do povo.

No momento em que partia o padre Lailhand, uma senhora da alta sociedade, força a linha dos agentes de policia, seguida de muitas outras senhoras, e prosta-se de joelhos diante da carruagem, protestando contra os decretos e pedindo a benção do proscrito.

Esta scena commovedora é acolhida com uma forte manifestação de bravos e vivas por parte do povo. O Prefeito indignado dá ordens a vinte policias que rodeiam a condessa do Ascott, e vão por-lhe a mão no hom-

bro para a prender; mas os gritos de indignação do povo fazem vacilar a policia.

—Deixai os obrar, —disse então o conde de Beirec—deixae que ponham a mão sobre as damas para que se deshorem até ao fim.

E os agentes, envergonhados, e apesar das instancias do chefe, retrocedem, e a condessa pôde fugir.

As primeiras familias de Paris e da França offerciam suas casas aos jesuitas. A juventude acclamava os á sua passagem, e o povo, o povo que é quem mais beneficios recebia d'elles, chorava!

Mas está consuminado o crime mais atroz que o seculo XIX tem visto. Está lavrada a sentença de morte da Republica franceza! E quem a hade executar serão os eriminosos que entram quando os jesuitas saom.

Já vdem os nossos leitores qua a cousa se não fez tão pacificamente como quorem os nossos *candidos* jornalistas. Esperamos mais noticias.

Apzar dos esforços empregados pelo jornalismo n'este seculo das *luzes* o nosso povo é sempre o mesmo. Não ha *luzes* ou *luminarias* que o civilisem! Bem descontentes devem estar os que tem querido tirar o povo da egreja, de junto das reliquias dos santos!

No domingo 4 do corrente, fez-se como de costume a romagem e festa a S. Torquato n'un dos lindos arredores d'esta cidade.

Descrever a alegria dos romeiros que aos milhares affluem nos dias da romaria, é cousa impossivel. Os grupos de formosas moçoilas de aldeia, que atravessam a cidade, dançando ao som de violas e pandeiros, são nos centos. E a gritaria que aquelle povo faz, ao parar em meio das praças e ruas, bem mostra o prazer que lhe vae n'alma bem mostra o contentamento com fazer a pé uma jornada de legoas para satisfazer uma promessa!

Vimos a vontade com que o povo queria ver as reliquias do Santo chegando muitas vezes a guarda militar a empregar a violencia para evitar que o povo se atropellasse, querendo entrar todos ao mesmo tempo.

E' admiravel o respeito com que mais de dez mil pessoas assistem ao passar da procissão, e sem que haja uma desordem, sem que uma voz se levante de em meio d'aquellas ondas de povo!

So os da *procissão* civica ali estivessem, muito tiriam que admirar ou rir!

As escolas, que durante os tres dias

sabbado, domingo e segunde, cahirão na caixa do santo ellavaram-se á cifra de 2.537\$295 réis! a fora 100 kilogrammas de cera e rimas de mortallhas.

Sempre o povo do Minho é muito fanatico, —hão-de dizer alguns dos nossos collegas de Lisboa ou da outra parte, porque os *espíritos fortes* abundam.

Mas para que mais tenha que admirar sempre lho digo que faziam o serviço entre a romaria e a cidade mais de 100 carruagens de todas as especies e que a estrada era sempre coberta de povo a pé, apesar do local da romaria, estar sempre cheio. E o magnotoso templo que ahí se anda a construir é una prova de devoção e catholicidade do nosso povo.

Vamos transcrever uma noticia que dera ha dias o *Commercio do Minho* acerca do apparecimento d'um cadaver em verdadeiro estado de conservação. E danol-a, esta noticia, porque é confirmada por milhares de pessoas que d'esta cidade tem hido á Povoia de Lanhoso e nos affirmam o facto tal qual a noticia seguinte:

«Povoia de Lanhoso, 25 de junho de 1880.

Snr. redactor.

Ha acontecimentos de tal magnitude que não pôdem nem devem ficar involtos no espesso veio d'um criminoso olvidado, e um tove logar n'esta villa, cuja narração espero que v. se dignará publicar nas columnas do seu muito acreditado jornal.

No dia 3 do corrente, dia d'ora avante memoravel nos annos d'esta villa, abrindo-se a sepultura n.º 6 da capella de N. Senhora do Amparo para um enterramento, e profundando-se a dita sepultura por indicação do ill.º sr. padre Francisco José Barbosa, digno professor n'esta villa, foi encontrado um caixão com um corpo incorrupto; o sr. padre Francisco mandou cobri-lo e abrir outra sepultura, guardando o conveniente silencio, porém querendo Deus a manifestação de suas obras e das virtudes, dos seus servos, bem de pressa se divulgou a noticia do achado que de dia a dia augmentava de proporções.

Em consequencia da voz publica, sempre crescente, reuniram-se no dia 18 d'este mesmo corrente mez varias pessoas d'esta villa, e ávidas pela verdade do facto dirigiram-se á capella e procederam á exhumação do corpo, que effectivamente acharam.

Foi geral a admiração dos circuns-

tantes quando viram coroados os seus louvaveis esforços; collocado o caixão fóra da sepultura, e tirada a terra que continha por falta de tampa, appareceu um corpo de mulher perfeitamente conservado, tendo as carnes com admiravel elasticidade, flexiveis os membros, e os cabellos tão perfectos como se nem um dia tivesse decorrido depois do seu enterramento! Os habitos foram igualmente izentos da acção da terra, do tempo, achando-se intactos e conservando as respectivas cores alguns d'elles estão guardados, e uma grande parte foi levada pelo povo em pequenos fragmentos como reliquias.

No dia seguinte foi o corpo vestido com habitos novos e collocado em novo caixão, mandando-se logo fazer um de chumbo para o encerramento, que ainda não foi possivel ter logar.

Suppõe-se ser o referido corpo de Christina de Bragança, exposta, creada por Gertrudes Maria Pereira, mulher de João Antonio de Paulo, moradores n'esta villa, casada, sem successão, com José Antonio Gonçalves, a fallecida ha 36 annos.

Ainda vivem pessoas do seu tempo, que affirmam ter ella sido dotada de edificantes virtudes, e admirada por sua inalteravel resignação em muitos soffrimentos phisicos e moraes, de que foi victima.

Os homens da sciencia que tem examinado o corpo, não explicam o phenomeno, que acham fóra da orbita do natural, e o povo, que na sua religiosidade, proclama o milagre, crendo piamente, e em com elle, que esse privilegiado corpo foi involucro d'uma alma gloriosa.

Não se pode attribuir á qualidade da terra a conservação do corpo, porque na mesma sepultura tem sido anterior, e posteriormente sepultados outros cadaveres, de que não existem signaes; pois affirmase que já ha 16 ou 18 annos, por occasião d'um enterramento, o dito corpo foi encontrado, rebaixada a sepultura e collocado em maior profundidade para sepultar outro, e que mais se tem sepultado desde essa epoca, sendo todos consumidos pela terra.

Já se falla em alguns milagres, que não affirmo nem nego, porém a concorrencia é espantosa e a admiradão crescente.

Sou, sr. redactor, de v. etc.

Um Povoense.

Retiramos o mais que tinhamos para esta secção, porque o espaço não nos sobra para o mais.

J. DE FREITAS.